



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MÔNICA HICKMANN ALVES**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-420

**Entrevistada:** Mônica Hickmann Alves

**Nascimento:** 21/04/1987

**Local da entrevista:** CEME

**Entrevistada:** Suellen dos Santos Ramos

**Data da entrevista:** 20/01/2015

**Transcrição:** Thayná Lima Fagundes

**Copidesque:** Suellen dos Santos Ramos

**Pesquisa:** Suellen dos Santos Ramos

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 1 hora 4 minutos e 40 segundos

**Páginas Digitadas:** 28 páginas

### **Observações:**

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Iniciação no futebol; Influência das escolinhas; Apoio da família; Processo de profissionalização; Participação na seleção Brasileira; Experiência na Europa; Mulheres no futebol; Atuação no futebol brasileiro; Seleção Permanente; Clubes; Competições; Copa do Mundo de Futebol Feminino; Perspectivas futuras;

Porto Alegre, 20 de janeiro de 2015, entrevista com a jogadora Mônica Hickmann, a cargo da pesquisadora Suellen Ramos para o Programa Garimpando Memórias

S.R. – Mônica, primeiro eu gostaria de te agradecer por se disponibilizar a estar aqui com a gente e estar disponibilizado o teu tempo para esta entrevista. Muito obrigada por participar desse projeto. E a minha primeira pergunta é como tu iniciou no esporte, foi direto no futebol?

M.A. – Olha, eu sempre gostei muito de esporte no geral e como criança sempre brinquei de tudo, mas acho que lá na escola ou até mesmo na rua já teve uma paixão mais direta pelo futebol. Mas eu criei essa vontade mesmo brincando na rua, brincando com a minha irmã ou com meus amigos na rua, foi criando essa vontade de querer ser uma jogadora um dia.

S.R. – E como tu iniciou no futebol propriamente dito, além da rua?

M.A. – Comecei na escola nos joguinhos escolares, escolinhas também, joguei por bastante tempo em uma escolinha, o Borússia, que é em Gravataí<sup>1</sup>. E daí por diante só fui crescendo. Depois tive a oportunidade de fazer um teste no Grêmio<sup>2</sup> mas no fim não deu certo porque nesse mesmo ano acabou fechando, então, eu fui tentar no Inter<sup>3</sup>, e comecei na escolinha no Inter. Fiquei um mês, no segundo mês eu subi para o sub-17, fiquei mais um mês no sub-17 e depois dali fiz um teste na equipe principal e fiquei.

S.R. – Tu lembra que ano foi isso?

M.A. – 2003, 2004, não, 2003 que fechou se não me engano, foi no mesmo ano que fechou o Inter, eu entrei.

S.R. – E quando tu decidiu jogar futebol, qual foi a reação da tua família?

---

<sup>1</sup> Município do estado do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Grêmio Foot-Ball Portense.

<sup>3</sup> Sport Club Internacional.

M.A. – Eu sempre tive o apoio da minha mãe, sempre. Ela nos apoiou sempre, disse que estaria com a gente, o que a gente precisasse; ela nunca foi, em momento algum, contra, pelo contrário, ela sempre ajudava, fazia as correrias para lá e para cá, levar a gente nos jogos, acompanhar, sempre foi tudo muito bem assim.

S.R. – E tu lembra destes jogos? Dos campeonatos que tu jogou com o Inter? Foi um curto período mas...

M.A. – Eu lembro pouco porque também como eu era nova, eu pouco joguei. Mas eu me lembro do Gauchão<sup>4</sup>, eu me lembro de participar de um jogo contra o Veranópolis lá em Veranópolis que eu acho que empatou dois a dois, esse eu acho que é o único jogo que eu me lembro de ter entrado em campo, e aí o último foi em dois mil e... Acho que final de dois mil e... Eu não vou lembrar agora, que foi pentacampeão gaúcho até, eu não lembro o ano, mas foi o último assim enquanto ainda existia o Inter completo, a categoria com o departamento feminino porque depois a Duda<sup>5</sup> ainda continuou com a camisa em 2007, 2008 eu me lembro que a gente jogou uma final que eu já estava fora, mas mesmo assim a gente jogou a final do Gauchão em 2008, se não me engano.

S.R. – Ela retornou com a equipe adulta, ali, pelo menos para jogar uma Copa do Brasil se eu não me engano.

M.A. – Isso, isso mesmo.

S.R. – E como se deu teu processo de profissionalização, dentro do Inter?

M.A. – Dentro no Inter na verdade não chegou a ter um processo de profissionalização, até porque o tempo foi curto. Logo que se acabou o ano eu tive a oportunidade de ir para São Paulo, para Marília<sup>6</sup>, através de duas amigas, que é a Michele<sup>7</sup> e a Kelly<sup>8</sup>, que

---

<sup>4</sup> Campeonato Gaúcho de Futebol.

<sup>5</sup> Eduarda Maranghello Luizelli.

<sup>6</sup> Município do Estado de São Paulo.

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>8</sup> Nome sujeito a confirmação.

já jogavam lá fazia um ano, e me levaram para fazer um teste também, foi assim que eu comecei a crescer a ideia de talvez ser profissional. Nós fomos e eu fiquei.

S.R. – Jogou quanto tempo lá em Marília?

M.A. – Fui com dezesseis anos e fiquei lá durante dois anos, dois anos e meio. Lá foi a primeira vez que eu tive a oportunidade também de ir para seleção. Eu me lembro que o peneirão foi até aqui nos Eucaliptos<sup>9</sup>. O Luiz Antônio<sup>10</sup>, que era o treinador na época, veio assistir, fizemos o peneirão e depois no final ele conversou, falou que duas atletas tinham se destacado, chamou a outra atleta que eu não lembro o nome, mas uma delas era eu, nós conversamos e ele falou: “Vou te convocar tal dia, tal mês”, era acho que era em fevereiro, na época, ou março, então foi a primeira vez, em 2005.

S.R. – Me conta um pouco como foi essa primeira convocação.

M.A. – Foi bem legal [risos]. Na verdade eu não esperava, quando ele conversou comigo eu pensei: “Ah, sei lá, gostou mas nem vai levar”. A gente nunca espera porque, para mim, este sonho estava bem longe. E fui, continuei treinando. Ele até falou: “Olha, continua treinando, mas vê se tu melhora para tu te adaptar no meio, porque acho que eu vou te convocar como volante, porque eu te acho uma zagueira muito baixa para a posição”. Eu me lembro que ele falou isso ainda. E eu falei: “Não, está bom, eu vou trabalhar para isso”. Aconteceu a convocação, mas eu fui, acabei indo como zagueira mesmo, e foi uma experiência, muito importante, não foi a minha melhor apresentação, até nem fui muito bem na primeira convocação, fiquei bem nervosa por ser a primeira. Foi aí que entrou esse treinador, veio conversar comigo: “Olha, eu vi o teu peneirão, eu sei tudo que tu é capaz e até agora eu não consegui ver isso em ti aqui, então eu quero que tu fique tranquila, faça um bom trabalho que na próxima convocação tu vai estar aqui, não te preocupa, não precisa ficar tão nervosa”, Então essa conversa que ele teve comigo no começo foi muito importante porque eu estava muito insegura achando que eu já teria perdido essa oportunidade porque eu não

---

<sup>9</sup> Estádio dos Eucaliptos localizado em Porto Alegre.

<sup>10</sup> Nome sujeito a confirmação.

treinei bem, e ele me deixou super tranquila, falou que eu estaria lá de volta e me deu a oportunidade de novo e Graças a Deus deu tudo certo.

S.R. – E a partir daí tu disputou quais campeonatos?

M.A. – Fui convocada 2005 inteiro, teve um ano e meio de convocação até o Sul Americano<sup>11</sup> que foi... Deixa eu me lembrar... Acho que passamos o ano novo lá na Granja<sup>12</sup>. Foi em janeiro o Sul Americano, me lembro, de 2006, isso mesmo, passamos o ano novo lá. Acho que foi no Chile, mas eu não vou me lembrar dos jogos, das partidas em geral.

S.R. – Lembra do ano e da categoria?

M.A. – 2006, sub-20.

S.R. – Sub-20?

M.A. – Aham, e eu ainda não... Eu também não era titular na época, eu fui titular só em alguns jogos, mas depois só no mundial mesmo.

S.R. – Foi esse que vocês foram campeãs?

M.A. – Não, esse nós ficamos em terceiro, que foi a melhor colocação que a seleção teve depois de 1999, se não me engano. A seleção, até então, não tinha chego a nenhum pódio ainda, essa tinha sido nossa melhor colocação, foi bem legal.

S.R. – E o mundial tu foi...

M.A. – Foi em cima das americanas [risos], nos pênaltis.

S.R. – O mundial?

---

<sup>11</sup> Campeonato Sul Americano de Futebol.

<sup>12</sup> Granja Comary, sede de treinamento da Seleção Brasileira de Futebol.

M.A. – Aham.

S.R. – Que inclusive tu bateu um pênalti?

M.A. – Aham.

S.R. – E converteu [risos].

M.A. – Graças a Deus [risos].

S.R. – E como é que foi essa sensação?

M.A. – Foi super emocionante, na verdade, nós ficamos tristes porque nós esperávamos chegar até a final, jogamos contra a Coreia do Norte na semifinal e tomamos um gol bem no finalzinho, de escanteio e elas eram mais baixas que nós e mesmo assim a gente tomou um gol de uma bola parada sabe, então foi muito surpresa. Mas sabendo que a gente ainda tinha oportunidade de talvez ter o terceiro lugar que era um pódio também então a gente se apegou nessa força, nesse sonho, graças a Deus deu certo. Foi um jogão. Nós ainda tivemos um pênalti durante o jogo, contra os Estados Unidos, mas a Fran<sup>13</sup> não converteu, aí a gente entrou em desespero [riso]. “Não é possível que a gente vai perder de novo, não acredito que isso está acontecendo”, porque a maioria das que estavam ali no grupo já tinham participado do mundial anterior, então, elas tinham passado por isso, tinham perdido na semifinal, então, estava aquele sentimento de novo sabe, de repente estar com a medalha na mão e perder por um segundo, por um detalhe. Então acabou e pênalti. E na hora... no fim, a gente até treinava bastante pênalti, todas treinavam, só que na hora do jogo ele não declarou quem ia bater, o treinador, que na época era o Jorge, já tinha trocado, não era mais o Luiz Antônio, era o Jorge Barcelos, e nós falamos assim: “Gurias, quem estiver bem vai bater, então, vai indo quem se sentir pronta, quem se sentir segura vai e bate”. E foi indo, começou até pela Fran, se não me engano, ela bateu e converteu, acho que depois bateu a Renata Costa e ela não fez, mas elas também não fizeram sabe, foi um vai e vem, um vai e vem. Então bateram e



fizeram, e eu fui acho que a quinta a bater e fiz, depois ainda tinha mais uma porque a guria também fez, então a Maurine<sup>14</sup> bateu, aí a guria bateu e a Bárbara<sup>15</sup> defendeu e acabou.

S.R. – É engraçado porque na minha memória aquilo era uma final. Eu tinha como uma final sabe, de tão emocionante.

M.A. – É como se fosse, como se tivesse sido mesmo.

S.R. – Mas e foi na verdade. Vocês trouxeram para o Brasil uma medalha de bronze na categoria sub 20 que há anos não acontecia.

M.A. – Que há anos não acontecia.

S.R. – Meus parabéns! E depois desse mundial...

M.A. – Depois desse mundial, logo depois teve uma convocação para a principal. Que logo no final do ano já teria o Sul Americano adulto. Uma parte da sub- 20 foi, eu também fui. Nós ficamos, eu acho, que um mês treinando mas na época do campeonato eu fui cortada, eu e mais umas cinco fomos cortadas, foi bem ruim [riso], bem chato, um momento bem complicado, eu não desejo isso para ninguém, sempre chato esse momento do corte. Mas acredito que tenha sido no momento certo, talvez eu não estivesse pronta ainda, teria que amadurecer muito, hoje nós entendemos, na hora a gente sempre acha que está pronta, e que está tudo errado sempre [risos]. Mas foi isso. Depois em 2007 eu já estava mudando mais os planos. Em Marília onde eu jogava já não teria mais o time, a possibilidade de fechar era grande, então eu já estava à procura de outros times. Eu tinha o contato com o Santos<sup>16</sup>, talvez de ir para o Santos na época, que era uma grande equipe também. Então acabou aparecendo a oportunidade de ir para a Áustria, através da Rosana<sup>17</sup> e da Liése<sup>18</sup>, que jogavam lá há dois, três anos,

---

<sup>13</sup> Francielle Manoel Alberto.

<sup>14</sup> Maurine Dorneles Gonçalves.

<sup>15</sup> Bárbara Micheline do Monte Barbosa.

<sup>16</sup> Santos Futebol Clube.

<sup>17</sup> Rosana dos Santos Augusto.

começaram, acho que, em 2004 lá, e elas comentaram comigo, nós sempre passávamos as férias juntas, e elas acabaram falando que a equipe estava precisando de uma zagueira, que talvez seria uma boa ideia eu ir, só que eles não estavam contratando, se eu quisesse ir eu teria que ir por conta própria, fazer um teste, passar por isso e, de repente, dar certo ou não. E eu comecei a pensar na ideia, de repente seria um sonho que eu não estava pensando mas uma oportunidade de crescer profissionalmente. Eu consegui uma grana que eu tinha guardado de pensão do meu pai e a Liése e a Rosana me ajudaram com outra parte também, que não tinha tudo na época, comprei a passagem e fui com elas. Em 2007, março, dia 2 de março, me lembro ainda que a gente chegou lá e fui na cara e na coragem para tentar e elas foram... se dispuseram a me dar todo o apoio até que eu tivesse um contrato, que não sei quanto tempo demoraria isso, mas me ajudaram até mais do que elas podiam. Cheguei lá, no mesmo dia elas já tinham amistoso, então, chegamos lá um *frio*, um frio [risos], nossa congelando, estava nevando, estava muito frio! Chegamos lá, elas treinaram e a treinadora veio falar comigo em inglês ainda perguntando se eu entendia e eu falei: “Bem pouco”, mas ela falando os números eu entendia, ela falou assim: “Ó, tu vai correr trinta minutos e elas vão jogar”. Falei: “Está bom, está ótimo pra mim”. Aí corri lá os trinta minutos enquanto elas estavam jogando. Faltando uns dez minutos para acabar o jogo ela falou: “Eu quero que tu jogue, tu vai?” Daí eu falei: “Vou!”.

M.A. – [Risos] Toda congelada, cansada da viagem, tinha acabo de chegar. Botei a chuteira e fui. E foi muito bom, fui muito bem no treino, no jogo, no amistoso, e ali eles já gostaram, ficaram bem empolgados. A pena que eu cheguei uma semana depois das inscrições, então, já tinha fechado as inscrições para o campeonato, então eu não poderia jogar de qualquer forma, mas eles falaram: “Pode ficar treinando aí e no meio do ano que abre as portas de novo”. As janelas, no caso, que eles dizem: “Aí tu vai estar com a gente, a gente faz o contrato, senta, conversa e a melhor possibilidade, e aí continuei treinando, fiquei seis meses lá treinando na expectativa, esperando que esse contrato acontecesse e no meio do ano aconteceu e aí lá fiquei por cinco anos.

S.R. – Conta um pouquinho dessa tua experiência.

---

<sup>18</sup> Célia Liése Brancão Ribeiro.

M.A. – E aí só evoluindo.

S.R. – Na Áustria, na Europa, principalmente.

M.A. – Uma experiência incrível, tanto cultural quanto profissional. Acho que a gente aprende... Acho que lá eu cresci como pessoa, lá eu aprendi muitas coisas, aprendi outra língua, aprendi a respeitar as diferenças porque nós somos um povo muito diferente deles, temos uma cultura diferente, uma maneira diferente de lidar, eles são mais reservados, frios, educados, tem toda uma diferença, um país com muita segurança, essas coisas fazem a gente pensar o quanto a gente tem que evoluir aqui no nosso país. Mas foi uma experiência muito... Eu já cheguei, no começo do ano, porque como lá o ano é diferente, em julho, na verdade o campeonato, ele começa, ele não termina no final do ano, ele termina em maio e em junho já começa de novo, e como elas foram campeãs austríacas nós ganhamos a vaga para a Champions League<sup>19</sup>, e foi assim que eu estreei, na verdade, não foi nem no campeonato, foi direto na Champions League.

S.R. – Que estreia! [riso].

M.A. – Sim, em um quadrangular que tinha inclusive uma equipe de Portugal, chamava acho que Doze de Setembro... Doze de Dezembro, uma coisa assim, eu não me lembro do nome da equipe. Mas sei que tinha a Escócia também, foi bem legal, uma estreia bem nervosa [riso].

S.R. – Imagino [risos].

M.A. – Mas foi uma experiência incrível. Passamos desse quadrangular, fomos para a segunda fase, e a segunda fase já é mata-mata. Nesse ano eu não lembro o nome da equipe que a gente pegou, não sei se... Não vou lembrar agora. Que foram tantos anos, isso só pegando lá no... Acho que no meu currículo tem isso, te passo depois. Mas passamos, fomos até, acho que até as quartas de finais, a gente saiu fora porque o nível vai aumentando muito e as outras equipes se preparam muito mais do que nós. Porque

lá na Áustria, para eles o futebol não é uma coisa profissional, cada atleta tem seu emprego durante o dia, então, treinávamos à noite exatamente por isso, não é igual ao Brasil que vivemos do esporte, lá elas têm o emprego delas, estudam e à noite elas treinam, é praticamente como se fosse um “hobbie” para elas. Talvez essa preparação não fosse adequada para chegar a uma final de Champions League, mas nós íamos mesmo com essas deficiências. E fomos longe. Antes de eu voltar, ficamos entre os doze, entre os doze ou quatorze melhores da Europa, da Champions League. Lembro que fomos assistir à final entre Potsdam<sup>20</sup> e Lion<sup>21</sup>... 2011, 2012. E estavam todas as bandeirinhas das equipes, e a nossa estava lá também [riso], no campo, muito legal.

S.R. – Que emoção. E além dessas diferenças culturais que tu já citou, diferenças de estruturas, de infraestrutura, principalmente, do clube com vocês, de tratamento, diferenças da Áustria para o Brasil.

M.A. – A diferença, eu vou dizer de quando eu saí daqui, porque agora um pouco já evoluiu. Mas não tem comparação, chegamos lá e tínhamos uma casa só para nós, tinha toda uma estrutura de clube mesmo: plano de saúde, salário doze vezes no ano, mesmo estando de férias a gente estava recebendo. Coisas pequenas talvez, mas importantes para uma profissional. Qualquer estrutura médica que precisássemos eles estavam sempre dispostos a ajudar de qualquer forma. Tínhamos uma relação bem amigável com o clube, era profissional, mas sempre conseguíamos conversar e resolver tudo numa boa. Eles nos escutavam, perguntavam nossa opinião, o que eles achavam que podia melhorar, porque eles também confiavam muito no nosso trabalho, tinha essa relação muito boa, acho que isso ajudou bastante, talvez por isso tenha ficado tanto tempo. Quando tu te dá bem com o clube, com as pessoas, então, acaba sendo um ambiente melhor, mas em relação a estrutura tem muita diferença do Brasil para lá, campos, tudo, matérias, essas coisas básicas, a gente vê assim.

S.R. – Que tem que ser básica, mas que aqui a gente ainda não...

M.A. – Não dá esse valor assim.

---

<sup>19</sup> Liga dos Campeões da Europa (UEFA).

<sup>20</sup> FFC Turbine Potsdam, equipe de futebol da Alemanha.

S.R. – Exatamente.

M.A. – Aqui eles colocam a gente para treinar em qualquer campo, até campo que não tem grama ou campo que a grama está maior que as pernas [riso] e querem o resultado de qualquer forma. Eles não dão estrutura adequada para que a gente possa fazer um bom trabalho. Mas evoluiu bastante, acho que está melhorando, aos poucos está melhorando essa visão.

S.R. – Desse período que tu saiu...

M.A. – Saí em 2007.

S.R. – 2007 até a tua volta, tu vê alguma diferença no futebol do Brasil?

M.A. – Quando eu cheguei... Eu vejo uma diferença, um pouco mais de evolução na estrutura, eles estão tentando dar um pouco mais para as atletas, um conforto a mais. Mas eu ainda vejo bastantes falhas, acho que ainda pode melhorar muito mais. Em relação a mais respeito com a atleta, não é nem de estrutura, médica, de um salário porque... Por exemplo, na Ferroviária<sup>22</sup>, onde eu atuei agora por dois anos. Eu tinha toda uma estrutura: médico, plano de saúde, um salário, moradia, alimentação, sempre muito bem tratadas, mas eu digo assim... Como é que eu vou te explicar... Um respeito às vezes de... Às vezes acontece um atraso de salário e são coisas que vão desgastando, porque querendo ou não hoje tu não tem mais dezesseis anos, tu já não tem mais dezoito, não é mais teus pais que te sustentam, tu tem a tua vida, tu tem as tuas contas, então isso acaba sendo um estresse a mais. E essa falta, às vezes, de respeito, com os atrasos no salário, implicam um pouco essa briga entre atleta e clube, são coisas assim que na verdade me incomoda ainda deles não terem com a gente, respeito.

S.R. – E tu achas que essa questão se aplica ao preconceito com as mulheres que jogam futebol?

---

<sup>21</sup> Olympique Lyonnais, clube de futebol da França.

<sup>22</sup> Associação Ferroviária de Esportes, clube de futebol da cidade de Araraquara.

M.A. – Não sei se preconceito, mas às vezes eu acho que eles pensam que a gente tem que aceitar tudo de qualquer jeito. Que o pouco que eles derem nós temos que achar que é muito e não é assim. Nós já lutamos tanto, estamos sempre lutando e temos sempre que aceitar o pouco, entendeu? Eu acho que a gente precisa de uma coisa melhor, acho que precisamos brigar pelo melhor, não podemos aceitar menos que o básico, temos que querer o melhor, em todas as situações. Eles tratam a gente como se... Por exemplo, se reclamamos de alguma coisa eles já falam: “Mas poxa, tudo vocês reclamam”. Mas nós aceitamos tantas coisas há tanto tempo, que agora queremos o melhor. E nessas horas que eu brigo com eles às vezes.

S.R. – Tem que brigar.

M.A. – Porque nós queremos um espaço, não queremos nos igualar ao masculino, não queremos o mesmo tratamento, só queremos o nosso espaço, a nossa valorização, o nosso respeito. Que as pessoas nos conheçam, que as pessoas conheçam o nosso trabalho, que elas vejam o quanto a gente luta e quanto o esporte é vida para nós, é profissão, o quanto podemos dar alegria para o povo brasileiro também, não só o futebol masculino, mas nós também, da nossa maneira. É uma briga para isso, para que a mídia nos veja com outros olhos também, não como uma comparação entre o masculino e o feminino, mas como qualquer outro esporte que vem brigando para ter o seu respeito que não é só o futebol feminino que briga, mas existem muitos outros esportes que brigam por um espaço.

S.R. – Perfeito. E, além disso, e ainda falando de preconceito, já sofreu algum tipo de discriminação por jogar futebol?

M.A. – Ah, no começo bastante. Bastante mesmo, na escola, normal.

S.R. – Pode citar um exemplo?

M.A. – Coisas do tipo... É que são palavras feias que eu não gosto muito de dizer. Mas sempre tem, sempre teve, agora já não tem muito destes insultos, eles vêm de outra

forma às vezes. Eu lembro que a gente brincava na rua, jogava e alguns vizinhos falavam: “Ah, por que tu não vai para casa lavar tuas calcinhas, lavar uma louça, não é lugar de mulher estar na rua”, esse tipo de coisa. Parece que eu era sempre a culpada da situação, e foi assim por um bom tempo, mas eu sempre tentei levar isso como um incentivo para provar que realmente nós temos, como é que vou te dizer...que possamos provar para eles que podemos ser alguém, que temos direitos, que podemos ser respeitadas. Que o futebol não pode ser vinculado a alguma outra coisa qualquer ou essa diferença de gêneros, porque eu sou mulher eu não posso jogar, tem esse preconceito. Então eu sempre levei isso comigo como um incentivo, uma motivação para sempre continuar mostrando meu trabalho e mostrando que eu realmente não estou ali para brincar ou insultar alguém, simplesmente para fazer o que eu gosto.

S.R. – E na tua opinião, hoje este cenário está mudando ou não?

M.A. – Hoje está mudando. Ainda existem aqueles caras [risos] que não sabem que existe o futebol feminino, não acreditam ou falam: “Sério, tem futebol?”. Às vezes a gente encontra as pessoas... Estávamos em Brasília, no hotel, encontrávamos as pessoas no elevador, e estávamos com a roupa da CBF<sup>23</sup>, que já diz o que é, e aí eles perguntavam: “Ah, vocês jogam futebol?” Daí a gente: “Sim!” Perguntam: “É feminino?” [risos], umas coisas assim, umas perguntas... Ou às vezes eles perguntavam: “Mas é infantil?”. Coisas de quem não tem conhecimento. Olhar e perguntar... Está vendo que estamos com a roupa que está escrito CBF, perguntar se é futebol, ainda mais homem que sabe o que significa a sigla da CBF. Isto, às vezes, soa como se fosse um insulto para gente, mas levamos na esportiva porque sabemos que a mídia não mostra muito, então pouca gente se interessa. Essas coisas acontecem assim cotidianamente.

S.R. - Bom, voltando um pouquinho. Quando tu saíste da Áustria, o que te levou a voltar para o Brasil?

M.A. – Bom, na verdade, já fazia um ano que eu não estava muito satisfeita. Não pelo clube, não pelas pessoas, não pelo lugar, mas eu queria algo mais. Eu queria um novo

desafio, pois cheguei à conclusão de que dali eu não sairia mais. Eu fui... O time já foi dez vezes campeão da Copa da Áustria, dez vezes campeão austríaco, ia até as oitavas da Champions League, mas dali a gente não passava. Já estava precisando de um fôlego novo, de um objetivo novo. Então comecei a pensar: “para onde eu vou?” porque não tenho empresário, ir para outra equipe fora do Brasil sem empresário é praticamente impossível, se não tiver uma indicação de alguém é difícil tu conseguir. E então eu pensei... Tentei até antes, mandei e-mail para clubes para tentar fazer teste, porque foi a única forma que eu achei. Só que não obtive resposta, aí eu pensei: “Bom, então, eu acho que vou ter que começar de novo, vou voltar para o Brasil e de lá aparecer de novo”, porque como eu fiquei cinco anos fora eu fiquei também apagada do futebol brasileiro, então, as possibilidades de chegar à seleção de novo seriam quase nulas. Até alguns treinadores já haviam falado isso para mim antes, “se tu não voltar para o Brasil tu não vai ter oportunidade de novo”, então, eu comecei a pensar: “Poxa, se eu quero estar lá de novo então eu tenho que começar do zero. Vou ter que voltar a brigar pelo espaço, vou ter que ganhar bem menos do que eu ganho aqui, mas tenho que começar de novo”, Foi aí que eu decidi voltar, em 2012 eu voltei. Fui para Botucatu, que na época o nome da equipe já era ABD<sup>24</sup>, e ali eu comecei a caminhar de novo, infelizmente não tive uma boa experiência lá, não foi muito legal, não aconteceram às coisas como eu esperava, mas acho que serviu como aprendizado de me mostrar que ainda muita coisa não tinha mudado e que eu ainda tinha que seguir meu caminho. E graças a Deus em 2013 eu tive a oportunidade de ir para Ferroviária, em Araraquara, e aí ali montar de novo um bom trabalho, tinham grandes profissionais lá e foi se criando um bom vínculo, um bom ano e evoluindo cada dia mais.

S.R. – Depois que tu voltou para o Brasil jogou no Botucatu e na Ferroviária que é o teu time atual. Conta como foi o ano de 2013 com a Ferroviária?

M.A. – O ano de 2013 foi novo, foi de descobertas, foi de vitórias. Nós começamos com um trabalho diferente que foi implantado, na época com o treinador que era o Fabrício Maia, junto com o Douglas Onça mais a equipe deles, a comissão, e ali ele começou a implantar já esse método de trabalho que a gente está agora começando a ter

---

<sup>23</sup> Confederação Brasileira de Futebol.

<sup>24</sup> Associação Botucatuense de Desporto, ou ABD – Botucatu.



na Seleção<sup>25</sup>. Nessa nova maneira de trabalhar taticamente. Já estava implantando isso na gente há um tempo. Eu lembro que começamos a treinar e falávamos: “Essa cara é louco, o que ele está fazendo? Está mudando a maneira de todo mundo jogar, faço isso há anos desse jeito e agora ele quer que eu mude”, em um mês a gente queria mandar ele embora [riso], estávamos apavoradas com medo de que desse tudo errado, porque mudou muito, os conceitos mudaram, de tudo que eu pensava ele mostrou totalmente o contrário, “mas como é que pode eu ter feito isso por tanto tempo, tão errado assim?”, mesmo tendo ido para a Europa, porque lá esse sistema é assim, mas eu não aprendi da mesma forma que ele ensinou, então, eu não tive dificuldades mas eu ainda brigava quando eu estava na Europa, ainda tinha uma cabeça, meio para o futebol brasileiro e ainda não aceitava, até tive bastante dificuldades lá. Mas fomos evoluindo, começou a Copa do Brasil e fomos evoluindo a cada jogo, cada jogo que passava a gente: “Não, espera aí, acho que vai dar certo, acho que estamos no caminho”. Então tivemos estas dificuldades, não conseguíamos jogar, nem acertar, errava muito passe. “Não, mas vai dar gurias, vamos lá”, e foi evoluindo, foi evoluindo, fomos crescendo na Copa do Brasil, fomos passando pelas equipes e graças a Deus chegamos a ser campeãs.

S.R. – Em 2013?

M.A. – 2013.... Deixa eu ver, eu acho que estou enganada, desculpa. 2013 não, acho que não participamos da Copa do Brasil em 2013, estou errada, desculpa.

S.R. – Se eu não me engano São José<sup>26</sup> ganhou...

M.A. – Foi em 2014, é, estou errada.

S.R. – E participou da Copa Libertadores.

M.A. – É, treinamos durante três meses até chegar o Paulista. Isto mesmo, treinamos bastante e jogamos o Paulista<sup>27</sup> de 2013, então nós fomos campeãs e ganhamos a vaga para a Copa do Brasil em 2014. Foi isso, eu me enganei, foi isso.

---

<sup>25</sup> Seleção Brasileira de Futebol Feminino.

<sup>26</sup> São José Esporte Clube.

S.R. – Chegaram a jogar o Brasileirão<sup>28</sup> 2013?

M.A. – Não. É que eu joguei por outra equipe, mas não pela Ferroviária. Como o ano na Ferroviária acabou no Paulista, que acaba normalmente em setembro, e depois disto não tivemos mais competição a não serem os Jogos Abertos, se tu é campeã dos Regionais, em julho, tu joga os Jogos Abertos, teve só mais esse campeonato. O Foz<sup>29</sup> veio atrás de mim para jogar o Brasileiro e a Libertadores que seria nesse mesmo ano em Foz, seria a sede. Conversei com a comissão numa boa, perguntei se não tinha problema neste meio tempo, final de ano eu ir para lá, até porque eu não ficaria parada também, estaria jogando, estaria em atividade, e eles aceitaram numa boa. Acabei indo, participei do brasileiro com o Foz, fomos até a semifinal, jogamos a semifinal contra o Centro Olímpico<sup>30</sup>, perdemos os dois jogos e a final foi entre Centro Olímpico e São José.

S.R. – E jogou a Libertadores?

M.A. – Jogamos a Libertadores, mas infelizmente não passamos da primeira fase. Mas valeu a pena a experiência, foi muito bom. Também, nos juntamos, treinamos uma, duas, três vezes, eu junto com a equipe, mas fizemos um bom trabalho.

S.R. – E o ano de 2014 foi o ano?

M.A. – Foi o ano [riso], um dos que eu ainda quero mais [risos], está só começando.

S.R. – Por enquanto foi [riso].

M.A. – Por enquanto foi, está só começando, foi só uma prévia do que pode vir ainda, acho que temos sempre que querer mais, tem que querer sempre evoluir, nunca pode achar que já sabe tudo, que já tem tudo, podemos sempre aprender. Acho que foi só um

---

<sup>27</sup> Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

<sup>28</sup> Campeonato Brasileiro de Futebol.

<sup>29</sup> Foz Cataratas Futebol Clube.

<sup>30</sup> Associação Desportiva Centro Olímpico.

começo, um primeiro passo. Começamos bem na Ferroviária. Estivemos na Copa no Brasil, continuamos o Paulista, em 2014 veio a convocação em junho, então ali começou um novo ciclo, uma nova comissão, novos trabalhos, novas atletas, uma nova maneira de jogar, tudo novo, tudo caminhando ainda, mas experiências incríveis, acho que só puderam engrandecer ainda mais a minha caminhada, meu sonho e finalmente cheguei aonde eu queria desde que eu voltei da Áustria, que era estar ali brigando de novo por uma oportunidade de participar da seleção. Mesmo que eu não esteja entre as onze sempre eu vou estar feliz de fazer parte desse grupo, que eu sei que é um grupo diferenciado e que ainda pode trazer bons frutos para o nosso país.

S.R. – Falando primeiro da Ferroviária, conta um pouco como foi essa conquista da Copa do Brasil e do Brasileirão de 2014.

M.A. – Copa do Brasil, uma novidade para nós, para mim pelo menos, foi a primeira, então era tudo novo, era uma coisa que nós até achamos estranho porque a gente viaja, vai para lá e vai para cá, avião, hotel. Então é uma coisa bem assim que nós chegamos próximo daquilo que a gente quer que seja o esporte, que seja o futebol, que a gente vê que é no masculino. Foi tudo muito legal, todas as experiências, mesmo que não as melhores possíveis, foram engrandecedoras porque a gente sempre espera evoluir mesmo que seja um pouco essa evolução é sempre gratificante que aconteça. Tivemos jogos difíceis, jogos fáceis, no começo foi mais tranquilo, jogamos contra equipes do Norte, e foi afunilando o campeonato, ficando mais difícil, até que chegamos... Não me lembro das equipes finais, tenho uma memória um pouco ruim para esse tipo de coisa, mas sei que foi muito emocionante até porque foi contra uma grande equipe, o São José. A primeira partida foi lá em Ferroviária e tivemos a vitória por um a zero e a final seria lá na casa delas. Como eu tomei o terceiro cartão no jogo eu fiquei fora da final, eu não tive o prazer de jogar a final, foi mais difícil ainda porque tu está do lado de fora é pior do que tu, sei lá, não poder jogar de outra forma porque tu sabe que tu pode, tu está ali só na torcida, eu não sabia nem como agir, na hora foi bem complicado. Mas as gurias foram guerreiras, jogaram super bem, foi um grande jogo e elas fizeram um gol na partida e acabou empatando, então fomos para os pênaltis, e lá fomos nós morrer de novo [risos], aí o coração acaba [risos]. Foi bem complicado. Começaram as

conversões e elas bateram... A gente bateu primeiro e fez, foi a Adriane Nenê<sup>31</sup> que bateu primeiro, elas bateram, fizeram também, aí bateu a Rafa<sup>32</sup>, fez, aí bateu, elas fizeram, bateu a Daiane<sup>33</sup>, não fez, aí bateu não sei quem foi a outra jogadora e errou, aí ficou no vai e vem, a Luciana<sup>34</sup> fez grandes defesas, foi o nome do jogo, ela foi uma peça essencial para a nossa vitória, com certeza foi a Luciana nesse jogo, e aí só felicidade depois [risos], só alegria e a gente não conseguia entrar dentro do campo para comemorar junto, os policiais não queriam deixar a gente entrar porque eles não acreditavam que a gente era atleta também, foi difícil, e ficamos mais nervosas ainda, ficamos comemorando lá fora esperando os policiais deixarem a gente entrar e depois que deixaram só festa, mas foi uma grande partida e nos deu a vaga para a Libertadores que é agora em 2015.

S.R. – Show de bola. E o Campeonato Brasileiro?

M.A. – Campeonato Brasileiro também foi muito, a princípio, não era nem para gente participar, a gente não estava na lista do... Era só... Eles haviam mudado as regras lá e só os times de camisa participariam e os oitos primeiros do ano passado, que tinha acontecido, participariam também. Uma briga, porque como que o campeão da Copa do Brasil, campeão Paulista não vai participar do brasileiro se ela foi feita exatamente para isso, para tu ganhar uma vaga para o brasileiro. Sei que brigaram lá e conseguiram colocar a nossa equipe, no fim entramos no campeonato e fomos em frente de mais um objetivo, brasileiro é uma coisa bem mais forte que a Copa do Brasil, bem legal, bem emocionante, mas, que mais que eu posso te dizer?

S.R. – No meio disso tudo uma convocação para a seleção.

M.A. – No meio disso tudo.

S.R. – E como foi?

---

<sup>31</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>32</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>33</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>34</sup> Nome sujeito a confirmação.

M.A. – Foi como se tivesse sido a primeira vez de novo, que foi tanto tempo depois, a última tinha sido em 2009, então, foi assim, na verdade, quando a gente ficou sabendo eu nem acreditei muito porque ainda não tinha saído a lista, algumas já sabiam porque o clube já tinha sido avisado, aí eu meio que nem criei muito... Não fiquei tão feliz porque vai que não era verdade e quando aconteceu fiquei super feliz, todo mundo também que está sempre na torcida parabenizando, então, foi assim, uma grande conquista, na verdade, e foi só continuar o trabalho, só continuar treinando, continuar fazendo o que eu sempre faço, me dedicando. Ficou nesse vai e vem treinando lá, continuando o Brasileiro, continuando o Paulista. Foi bem puxado, na verdade, esse ano, a gente tinha que estar sempre viajando, a gente praticamente nem descansava, ia de um lugar para o outro, jogava sábado, jogava quarta, jogava domingo, jogava quarta, então foi bem desgastante, mas também muito engrandecedor, muito feliz.

S.R. – E como é que foi esse ano com a Seleção?

M.A. – Esse ano com a Seleção foi bom [risos], bom demais. Primeiro pela Copa América, que foi o meu primeiro campeonato pela principal, e tiveram amistosos antes, mas construindo um trabalho, e ter o primeiro campeonato, e já sair com a vitória não tem preço, o que nós sempre queremos é levantar a taça sempre. Mas nós fizemos também um bom trabalho, isso que me deixou muito feliz. Tive oportunidade de jogar dois jogos porque a outra zagueira foi expulsa então eu tive a oportunidade de jogar, deu para pelo menos sentir, dentro de campo, a energia e joguei contra o Equador e contra a Argentina, a gente jogou, que foi infelizmente a partida que a gente perdeu de dois a zero, mas não atrapalhou no decorrer do campeonato porque a gente já estava classificada. Depois o próximo jogo, contra o Equador, eu joguei também e depois tivemos jogos contra a Colômbia, que foi o mais difícil, que empatou em zero a zero, mas pela campanha acabamos sendo campeãs. Foi muito legal. Ganhamos a vaga para o Mundial<sup>35</sup> e para o Pan Americano, que também é agora em 2015, em agosto se não me engano, logo após o Mundial.

S.R. – Tem o Mundial ali em junho, julho?

M.A. – É, acho que dia 12 de junho a 12 de julho, acredito que seja por esse período, e aí acho que uma semana depois é o Pan Americano, no Canadá também.

S.R. – Ainda em 2014 tivemos o torneio de Brasília. Pode contar sobre essa outra experiência?

M.A. – Continuamos tendo... Tiveram outras convocações, tivemos mais um amistoso contra a França antes do torneio ainda, e depois a última convocação que foi o torneio, que foi a primeira vez também que eu participei e achei incrível. Primeiro que eu nunca tinha jogado com a Seleção aqui no Brasil e muito menos num estádio como o Mané Garrincha, então foi emoção em dobro assim, eu entrava e pensava “não acredito que eu estou num lugar desses, que eu vou poder estar perto das pessoas, do Brasil, do calor da torcida”, que é o que a gente sempre quer assim, a torcida perto da gente, e é um carinho assim, incrível, eles querem te puxar, querem qualquer coisa que seja de ti, um autógrafa, um oi, uma *selfie*, que é a moda agora, uma foto, eu não tenho nem palavras. No último jogo o entrevistador veio me perguntar como eu estava me sentindo e o que mais me deixou feliz, que mais me impressionou foi esse carinho da torcida, de ver tanta gente lá assistindo. Tinham onze mil pessoas assistindo, é o que a gente sempre espera, então, nunca pensei que tantos brasileiros estariam lá. E estava chovendo, deu uma chuva forte e mesmo assim a galera estava lá, torcendo, esperando, o tempo inteiro do nosso lado mesmo que a gente estivesse errando, que a gente não estivesse acertando eles estavam lá torcendo, então, acho que isso foi o que mais me emocionou no torneio, que mais me deixou feliz de participar foi poder estar perto dos brasileiros.

S.R. – E de dentro do campo em uma final como titular contra os Estados Unidos. Conta um pouco sobre isto.

M.A. – Uma final não esperada porque, na verdade, a possibilidade de eu jogar seria praticamente nula, e infelizmente a Thaila<sup>36</sup> machucou no jogo anterior, primeiro jogo contra os Estados Unidos ela machucou, sentiu um pouco o joelho com a lateral e

---

<sup>35</sup> Copa do Mundo de Futebol Feminino.

<sup>36</sup> Nome sujeito a confirmação.

incomoda bastante, não é nada greve mas incomoda, então, devido a isso eu tive a oportunidade de jogar. Mas foi inacreditável, porque é uma grande Seleção, é uma grande equipe, é uma equipe ensinadora, elas conseguem te mostrar dentro de campo como se marca, como se ataca, como... Tu tem que respeitar uma equipe desta, então, jogar contra uma equipe dessas é um prazer enorme, eu acho que, ainda fazer uma boa partida e a gente conseguir ir até o final, segurar ali o empate que nos levaria à vitória, não tem nada que explique a emoção de poder fazer parte deste trabalho.

S.R. – E aquela bola na trave?

M.A. – Por que não entrou? Faltou pouco, muito pouco, mas a próxima vai entrar. Vai, vai entrar, vou treinar muito esse ano para isso.

S.R. – Quais são tuas perspectivas para esse ano tanto na Ferroviária quanto na Seleção? E se tu puder falara um pouco deste novo projeto da Seleção permanente que está surgindo agora, e como tu e as demais atletas estão recebendo isto?

M.A. – Em relação a Ferroviária no momento, nós teremos que... Como se fosse dizer, adiar esse trabalho juntos, porque como vai ter a Seleção agora provavelmente nós não estaremos participando desses primeiros campeonatos com a Ferroviária. Tudo é novo ainda para gente, está confirmada já a Seleção permanente, isso sim é um fato, mas há muitos detalhes ainda que a gente também desconhece, até porque, acho que só agora, nessa convocação que a gente... Que tudo vai se esclarecer de verdade, de fato, como vai funcionar então é uma novidade para nós também. Mas eu acredito que vai ser muito bom, eu acho que mesmo que... Talvez de alguma forma mude o campeonato aqui no Brasil devido as atletas não estarem nos clubes, também acho que vai trazer muitas outras atletas que talvez não apareceriam se não tivesse essa Seleção permanente agora, então, acho que sempre tem um lado bom, talvez essas atletas consigam mostrar o trabalho e também tenham a oportunidade no segundo momento de estar na Seleção, de evoluir também como jogadoras. Minha perspectiva é boa, acredito que com essa Seleção permanente nossas chances cresçam bastante no Mundial, em um Pan, em uma Olimpíada. Nós podermos estar trabalhando junto, mais tempo, acho que só tem a melhorar o trabalho, porque sempre que a gente se encontra o grupo está

diferente, ou sempre que a gente se encontra tem que começar do zero o trabalho, então, poder começar desde o começo junto, fazendo uma preparação física adequada como eles sempre quiseram fazer e não puderam por causa dos campeonatos. Acho que vai ser muito bom, acho que as chances vão melhorar oitenta por cento, mais a dedicação do trabalho, acho que tem tudo para acontecer grandes jogos, e talvez, conseguir chegar lá onde tanto queremos, que é o Mundial, que é ser campeão, que a gente já bateu na trave tantas vezes, talvez agora seja nossa melhor chance. Eu fiquei feliz quando eles resolveram que aconteceria. Claro que isso só aconteceu porque teve resultado, nada acontece sem um resultado, então, se nós não tivéssemos ganhado a Copa América talvez isso não teria acontecido, se não tivéssemos bons jogos, ou feito um bom torneio de Brasília, talvez não tivéssemos esta resposta, mas graças a Deus tivemos, estamos tendo este apoio, espero que isso continue, espero que a gente possa manter, que isso não seja só para agora, mas que também eles possam melhorar em um geral o campeonato aqui mesmo no Brasil para que a gente já chegue na Seleção pronta, para que a gente não tenha que trabalhar sempre do zero, para que a gente faça um trabalho bem feito nos clubes com profissionais adequados, que quando a gente se junte e o grupo já esteja homogêneo, pronto para a competição.

S.R. – Eu enxergo, particularmente, uma diferença muito grande do resto do Brasil para o Rio Grande do Sul. Qual tua visão do futebol feminino aqui no Rio Grande do Sul?

M.A. – Na verdade eu fico triste quando eu penso nisso, porque eu sei que tem grandes atletas aqui, grandes jogadoras que podem ser formadas aqui, mas que não tem uma oportunidade de trabalho, não tem uma oportunidade mínima de talvez, participar de um campeonato bem organizado. E eu penso: “Por que não?”, “Por que não melhorar?”, “Por que não ter um campeonato legal aqui?”, “Por que não fazer um Gauchão bem organizado?”. Tem atletas, olha quantas atletas saem daqui para jogar fora ou para jogar em São Paulo porque só lá existe um campeonato regular. Eu vejo isso como, talvez, uma falta de apoio ou uma falta de vontade das pessoas que tem o poder para fazer isso. Que poderiam, talvez, abrir campos, abrir meios para que essas atletas pudessem mostrar o trabalho delas aqui, para que a gente também pudesse trazer uma... Como se diz... Uma referência do sul, a gente não tem referência nenhuma do Rio Grande do Sul lá, quando a gente fala do Rio Grande do Sul ninguém sabe nada ou



todo mundo sabe que não tem campeonato, que é fraco, que o nível é baixo e não é isso que a gente gostaria de ouvir, a gente gostaria de ouvir que o Rio Grande do Sul tem grandes atletas, tem grandes times e que também podiam estar aqui disputando um Brasileiro, uma Copa do Brasil do mesmo nível das equipes de São Paulo.

S.R. – Nossa representante hoje para a Copa do Brasil é a equipe do Onze Unidos, time de algumas amigas tuas inclusive, mas que vai pegar de cara a Ferroviária, atuais campeãs da Copa do Brasil. Por mais que se acredite no trabalho, a chance de passar de fase é mínima, visto que é um jogo contra a melhor equipe do Brasil na atualidade. Mas de repente, não se teria que modular essa forma de disputa?

M.A. – Eu acredito que em alguns momentos eles deveriam ter um pouco mais de controle nessa escolha, eu não sei de que maneira é feita, se realmente é feito um sorteio, se é escolhido, a gente nunca sabe de que maneira é feito. Pensa a oportunidade depois de tempos, de poder participar de uma Copa do Brasil... Colocam equipes mais iguais para que elas possam evoluir dentro da competição e aí sim chegar a uma... Eu penso assim também. Uma equipe mais forte para pelo menos, a cidade também sentir que pode, que dá para dar um apoio, sentir que dá para crescer. Porque assim fica difícil, como tu disse, mesmo que tu acredite no trabalho tu vai enfrentar o campeão do Brasileiro, o campeão da Copa do Brasil. Sabendo que não temos um campeonato regular aqui de nível, a probabilidade da gente ter uma equipe bem preparada é bem menor do que uma equipe que está o ano inteiro jogando, treinando com uma estrutura, então, eu vejo isso com tristeza, eu não sei nem se é essa palavra, mas minha maior vontade é que aqui tivesse um campeonato à vera, que a gente diz, em outras palavras, que tivesse o respeito, que tivesse o apoio da cidade, da comunidade, do estado, que a gente pudesse ficar por aqui, que a gente pudesse fazer o nome do Rio Grande do Sul lá também, que a gente pudesse levar para o Brasil inteiro o nome do Rio Grande do Sul, pensa que legal que seria uma equipe do Rio Grande do Sul participando no Brasileiro contra uma equipe do Norte, que também há dificuldades dos seus campeonatos lá também, de Minas, tu tem Rio de Janeiro, que também não tem um campeonato regular, tem, às vezes, duas, três equipes, e tu vê que tem grandes atletas por aí, só falta ter um campeonato, só falta ter o apoio da cidade, do estado para que isso aconteça.

S.R. – Estamos na esperança também.

M.A. – Eu não sei o que a gente precisa fazer para que eles enxerguem dessa forma. Até mesmo para melhorar um geral tu precisa começar pela base, tu tem que ter uma base em todos os clubes para tu poder formara atletas. É um trabalho que sim, é difícil, mas dá para fazer, dá para se criar porque hoje em dia tantas gurias novas já querem participar pequenininhas e não tem um lugar onde tu consiga colocar elas, elas ainda, em alguns lugares, têm que treinar junto com os guris. Se nós já tivéssemos esta base, elas já evoluiriam muito mais rápido, a gente começa um trabalho de clube com quatorze, às vezes, algumas com dezesseis, dezessete anos, às vezes, com dezoito quando os garotos começam com cinco, seis, sete anos. Até a gente evoluir eles já estão preparados há muito tempo. É isso que falta, a gente começar um pouco antes esse trabalho, já ter a base nos clubes que fosse em cada clube grande mesmo masculino que tivesse um setor ali para o departamento feminino poder crescer também. Isto não interferiria em nada em um clube grande como eles são. É mais questão de espaço mesmo, de eles entenderem que a gente só quer o nosso espaço, de darem o respeito para gente, de darem a oportunidade para gente criar uma categoria.

S.R. – É verdade. Mas agora falando um pouco mais de ti. Quais teus planos para depois de parar de jogar futebol

M.A. – Depois daqui uns cinco anos?

S.R. – Cinco não, vamos botar uns dez [risos].

M.A. – [risos] Meu Deus, bom, eu já venho pensando nisso faz um tempo porque eu sei que o futebol não é para sempre e a gente sabe que na nossa modalidade viver de futebol depois não tem como, então quando eu resolvi voltar eu pensei: “Já que eu vou voltar para o Brasil eu vou estudar”, porque quando eu fui eu tive que parar e depois não estudei mais, aprendi a língua lá mas não fiz outros cursos, então, resolvi que quando eu voltasse eu estudaria e aí comecei a fazer um curso técnico de massoterapia e a estética que uma coisa que eu gosto, que é o que eu vejo para mim depois que o futebol acabasse, acho que vai ser um caminho que eu vou seguir. Sempre gostei muito

de fisioterapia, mas acredito que para tu fazer uma faculdade tu precisa dedicar tempo, não dá para tu fazer de qualquer jeito, até fazia antes enfermagem mas eu faltava tanto que acabei perdendo o gosto e tu tem que se dedicar, não dá para tu fazer pela metade um curso, ainda mais enfermagem que tu vai mexer diretamente com a saúde das pessoas. Eu me vejo assim, acho que eu vou ser massoterapeuta, esteticista, eu estou ainda estudando, faltam dois meses para acabar o curso, de estética eu já acabei, falta só o “masso” mesmo, e aí especializar, eu tenho vontade de me especializar em shantala, que é para bebês, que é de zero a dois anos é uma das áreas que eu gosto bastante, que eu ainda penso em me especializar.

S.R. – E dentro do futebol tu não pensa em atuar?

M.A. – Dentro do futebol, hoje eu não me vejo em nenhuma área, a não ser, talvez, a massagista do clube se fosse o caso, mas eu não me vejo de alguma outra forma, talvez por trás, em uma organização, diretoria, mas eu não me vejo dentro do campo, não me vejo como treinadora, como preparadora física, eu não tenho esse perfil, nunca tive muito de liderança, porque eu acho que para tu ser um treinador tu tem que ter esse perfil de liderança, tem que saber lidar com o grupo e eu nunca me vi assim, eu nunca tive essa vontade, mas estar por trás do futebol a gente vai estar sempre, então, vai aparecer alguma coisa aí pela frente, mas a princípio não, não tem.

S.R. – Hoje tu consegue te sustentar só jogando futebol?

M.A. – Hoje sim, graças a Deus.

S.R. – Mas teve algum momento que tu não conseguiu?

M.A. – No começo, a gente não recebia nada, era minha mãe que ajudava e eu tinha a pensão do meu pai, era disso que eu me virava, até eu ir para fora, só quando eu fui para fora que comecei a ter um salário mesmo, comecei a poder pensar assim: “Não, agora eu consigo viver disso”, mas até então não, era sempre na luta mesmo, mãe ajudando, a pensão que eu tinha, era dessa forma.

S.R. – Então desde a Áustria tu consegue se manter só com a profissão do futebol? Que a gente já viu vários casos até de meninas do São José que precisavam vender picolé no estádio.

M.A. – Ainda tem, a Bagé<sup>37</sup> até esses dias mostrou a reportagem que ela tem lá...

S.R. – Tipo lava carro, lava rápido.

M.A. – Tem um lava jato, ela tem várias coisas, ela tem essa barraquinha de sorvete e tem de pastel agora também, é que tu vai abrindo caminhos porque tu sabe que um dia o futebol vai te largar, então, acho que ela viu nessas áreas talvez uma chance de continuar a renda dela e aumentar, até porque ela ajuda muito a família também, e é por aí.

S.R. – E uma jogadora de Seleção, que a gente pensa: “Jogadora de Seleção, jogou Mundial, jogou Olimpíada e tem que complementar renda com esses trabalhos extras”. Hoje tu é uma atleta abençoada, digamos assim, porque tu consegue te sustentar com o que teu trabalho produz, que teu trabalho hoje é o futebol. Bom, tem alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostaria de falar, alguma outra situação, pensa lá, escolinha, São Paulo, Áustria?

M.A. – Não sei o que dizer, acho que mesmo com essa história toda, resumida, porque são muitas coisas que a gente acaba deixando para trás, não lembra dos detalhes, mas eu me sinto muito feliz hoje de poder estar fazendo o que eu amo e estar sendo um pouco mais respeitada, tendo mais esse respeito, tendo o reconhecimento que a gente sempre espera, depois de tanta luta e vendo que ainda pode evoluir muito mais, eu me sinto feliz de poder estar aqui hoje, estou lisonjeada de ter recebido esse convite, receber esse convite e poder estar contando um pouquinho da minha história para que um dia se alguém quiser saber da onde eu vim, para onde eu vou, vai estar registrado e acredito que ainda há muitas grandes histórias que vocês vão descobrir aí de dificuldades mas de muitas alegrias também. Só espero que isso evolua, eu espero que eu possa ajudar também o futebol de alguma forma, eu penso em ajudar de alguma

forma, mas ainda não sei como, eu ainda vou descobrir como [risos]. Eu quero muito que o nosso Rio Grande do Sul evolua, é uma das maiores vontades que eu tenho aqui, que aconteça aqui no Rio Grande do Sul, então, se puder, talvez, com a minha imagem que isso se propague e que a gente possa trazer uma visão melhor para o Rio Grande do Sul, que eu possa fazer isso, dessa forma, e eu agradeço a oportunidade de estar aqui... E sempre que precisarem de alguma coisa, qualquer informação pode contar comigo para o que for. Eventos, qualquer coisa do tipo, para divulgar sempre que for para o futebol feminino eu vou estar à disposição para evoluir a modalidade sempre, a gente tem que se ajudar, se não for a gente ninguém vai ajudar, se a gente quiser mudar a gente tem que ser essa mudança.

S.R. – Te agradeço em nome de todo Centro de Memória. Muito obrigada mesmo, pode ter certeza que tu está ajudando o futebol feminino, está fazendo a diferença e que tu continue assim, nessa caminhada, nessa luta constante, nessa busca da excelência sempre. Vai dar resultado, já está dando, mas que ainda vai te trazer muitos frutos. Obrigada mais uma vez e a gente se vê por aí [risos].

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>37</sup> Daiane Menezes Rodrigues